

TÍTULO... EITA ESCOLHA DIFÍCIL! A RELEVÂNCIA DA INTITULAÇÃO EM TEXTOS DOS DOMÍNIOS DISCURSIVOS JORNALÍSTICO E PUBLICITÁRIO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.0531225120215>

Data de aceite: 16/06/2025

Catarina Ribeiro

1. DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA DO TÍTULO

O título possui um papel de destaque no texto. Isso ocorre porque ele tende a constituir-se no primeiro contato do leitor com a produção, funcionando, assim, como um componente atrativo, um fator estratégico e orientador para a interpretação textual.

Apesar do referido papel de destaque, algumas vezes os professores não refletem com seus alunos acerca dessa construção. Essa prática pode ser realizada desde as séries iniciais, considerando que o aluno, ao finalizar sua produção textual, não seja levado a escolher qualquer título para nomear o texto, a produzir clichês ou até mesmo a repetir o tema da redação, o que reflete descuido ou falta de incentivo à criatividade.

Essa atitude, além de ser visível para o leitor, é sempre destacada por alguns autores, como, por exemplo,

Corrêa (1999, p. 13), que reflete sobre a importância do título como algo que deve “chamar a atenção do leitor para o texto”. E, mais adiante, completa: “o título é como um anúncio publicitário, cujo objetivo é vender seu produto: a notícia (ou outro tipo de texto qualquer publicado no jornal, como o artigo, a reportagem, a coluna, o editorial etc.)” (CORRÊA, 1999, p. 13). Diante dessa informação, nota-se que existe, efetivamente, um processo de intitulação que faz parte da prática da escrita.

O que se pretende, no presente artigo, é chamar a atenção do produtor de textos em relação aos cuidados que ele deve ter ao nomear a sua obra, uma vez que o título tem algumas funções, conforme será demonstrado a seguir por Coracini (1989), citada por Menegassi e Chaves (2000, p. 33):

o título é o lugar privilegiado da subjetividade do autor; é anafórico do ponto de vista da produção escrita, considerando que é redigido depois do texto; é catafórico no processo de leitura porque anuncia, em parte, o conteúdo presente no texto, constituindo, assim, uma estratégia a serviço das intenções do autor, pois, “ao mesmo tempo em que camufla o percurso do texto, exerce grande influência sobre o leitor, na medida em que funciona como estímulo e desestímulo à leitura”.

Outro ponto que merece destaque, em relação às nuances do processo de intitulação, está na subjetividade do título, pois ele traz, ao mesmo tempo, o ponto de vista do autor já que, de forma extremamente sucinta, reúne as principais ideias do texto, e as expectativas dos leitores, que representam seu público-alvo. Essa percepção corrobora duas formas de visualização do título: anafórica e catafórica. Do ponto de vista do leitor, o primeiro contato com o título tem natureza catafórica, uma vez que ele antecipa conteúdos textuais. Já do ponto de vista do autor, ou após a primeira leitura, tem-se uma natureza anafórica, pois ele será visto como o elemento que retoma as principais ideias abordadas no texto.

Godoi (2011, p. 2) esclarece que o título da obra acaba sendo retomado no texto por meio de expressões que o identificam, dando indícios de referenciação, os quais contribuem para a formação textual. Desse modo, para embasar sua explicação sobre a construção e a ligação entre título e conteúdo, a autora cita o linguista brasileiro Luiz Antônio Marcuschi (*apud* GODOI, 2011, p. 2), explicando a teoria da anáfora direta e indireta acerca do nome da obra, considerando, portanto, o título como um “antecedente virtual”.

Cabe, ainda, mencionar a relação entre o título e a prática leitora: essa relação envolve o despertar do interesse pela leitura que o primeiro é capaz de provocar no leitor. Isso ocorre porque o título, considerando o seu papel de destaque no texto, tem a capacidade de convidar ou afastar o indivíduo da leitura. Ele é, portanto, uma parte extremamente importante do texto, ou seja, um elemento paratextual, que precisa ser estudado.

Dessa forma, analisar os aspectos semânticos existentes entre o título, o corpo do texto e as referências exofóricas (intertextualidade e interdiscursividade) se revelam necessárias para a compreensão textual. No presente estudo, houve o intuito de evidenciar essas relações e perceber como elas acontecem e como podem atrair o leitor.

2. ANÁLISE DOS TÍTULOS DO *corpus* DA PESQUISA

A) Crônica

Bandido bom é bandido que dá série

Qual o mal que se esconde nos corações humanos que curtem o canibal americano?

Joaquim Ferreira dos Santos

Chama-se *true crime* o modismo televisivo que me tem consumido horas e horas acompanhando cada uma das barbaridades de “Dahmer: um canibal americano”, a série que segundo a Netflix já teve um bilhão de horas assistidas. O crime é pop. A onda confirma um estandarte de Hélio Oiticica nos anos 1960, aquele do “Seja marginal, seja herói”, e para que esta galeria do mal continue a assustar, entreter e explicar o planeta, eu, modestamente, tenho uma sugestão de personagem ainda inédito em série ou podcast.

Era um outubro como este, de 1981, e ele estava ali à minha frente, o policial-bandido, dono de um currículo em que num momento foi um dos poderosos 12 homens de ouro da polícia carioca e, logo adiante, proxeneta e estelionatário preso na Ilha Grande. Ali estava o xerife do submundo de Copacabana, o amante da atriz Darlene Glória, da travesti Rogéria, e o coldre com melhores resultados nas estatísticas do Esquadrão da Morte – só que desta vez Mariel Mariscot estava morto. Ele jazia a um palmo do meu nariz, jogado dentro de uma bacia do Instituto Médico Legal, e enquanto uma autoridade informava o que acontecera, eu, repórter esforçado, completava a apuração contando, furo a furo, quantos tiros o tinham abatido. Na gíria da reportagem policial chamava-se “presunto” o corpo da vítima. Eu contei oito tiros no presunto de Mariel Mariscot, o bandido-celebridade fuzilado por bicheiros rivais num beco da Praça Mauá.

Longe de mim emular um Freud de segunda-feira e interpretar como sadismo coletivo a compulsão em passar tantas horas diante do canibalismo finamente cinematografado de Dahmer, em saber do mundo inteiro seduzido pelo ritual erótico com que ele se esfrega sobre o corpo das vítimas e é perfilado como coitadinho.

Se Paulinho da Viola diz que “ninguém pode explicar a vida num samba curto”, imagina numa crônica de três mil toques! Desde a infância me ecoa entre o córtex e o hipocampo a voz soturna do locutor de rádio que perguntava “Quem sabe o mal que se esconde nos corações humanos?”. Diante da infundável renovação de males só resta responder com outro samba do Paulinho, aquele do “sei lá, não sei”.

Já houve a crença carioca de que bandido bom era bandido morto, mas em 2022 bom é o capaz de render série, compartilhamento e o engajamento digital de seus horrores. O Rio acabou de eleger uma bancada de bandido federal, é bom nisso. Agora mesmo, o celular vibrou e do outro lado do zap a jornalista Heloísa Eterna, começando a dirigir um podcast sobre o crime de Claudia Lessin Rodrigues, pede que eu descreva o cenário de sexo, drogas e discoteca Regine’s por onde se movimentavam, em 1977, a moça e seus algozes endinheirados, George Khour e Michel Frank. Mariel Mariscot, um miliciano avant la lettre, tinha um currículo com uma dúzia de pés-rapados mortos, e no quesito barbaridades perderia feio para o canibalismo de Jeff Dahmer. Mas com seu jeitão de galã de western spaghetti namorou também Rose di Primo, frequentava o Palácio Guanabara e ostentava o sonho de juntar a Zona Norte à Zona Sul, tornando-se o Rei do Bicho. Dahmer e Mariscot são perfeitos para a estetização do crime. É a maldade charmosa que se esconde sob o coração dos modernos, e mais não explico porque não caberia numa crônica curta.

“Bandido bom é bandido que dá série”, é uma crônica de Joaquim Ferreira dos Santos para o jornal *O Globo*, publicada em 17 de outubro de 2022. Assim que se faz a leitura, é imediata a lembrança de uma expressão popular “bandido bom é bandido morto”, a qual também rendeu algumas variações mais éticas, tal como “bandido bom é bandido ressocializado”. Fato é que o título escolhido pelo cronista capta a atenção do leitor justamente por estabelecer um diálogo com algo tão sensível quanto a criminalidade e a ressocialização de indivíduos. Trata-se, assim, de um exemplo de intertextualidade implícita, algo comum quando o texto reproduz um intertexto alheio sem menção direta quanto à fonte (cf. KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012).

Cabe, em primeiro lugar, avaliar a origem da expressão que estabeleceu um diálogo com o título da crônica. Segundo artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo*, de autoria do colunista Sérgio Rodrigues, a frase “bandido bom é bandido morto” ganhou destaque em 1986 como *slogan* de campanha do candidato a Deputado Estadual José Guilherme Godinho Ferreira, chamado de Sivuca. Embora na década de 80 ele não tenha sido eleito nesse pleito, a vitória – com o mesmo *slogan* – veio na década de 90 (cf. RODRIGUES, 2022, n.p.). Apesar de não ser possível indicar que a criação é de Sivuca, ele contribuiu significativamente para a disseminação desse estranho conceito.

Não se pode atribuir ao delegado a autoria propriamente dita da máxima. Tudo indica que se trata de uma criação coletiva, provérbio germinado num pântano moral carioca em que chapinhava bastante gente. De todo modo, foi ele quem colocou a frase na testa como policial e político. (RODRIGUES, 2022, n.p.)

Pode-se, ainda, dizer que o título configura uma paródia em relação à expressão original. Conforme Azeredo (2021, p. 106), este recurso recria com “viés crítico, com intenção cômica ou satírica” determinado texto. “Na paródia, o texto fonte não é apenas o ponto de partida. Ele permanece entrevistado no espaço do texto recriado, sem que o que se perde o efeito de sentido da paródia” (AZEREDO, 2021, p. 106), ou seja, configura o que o título da crônica apresenta: ele recria de forma satírica o *slogan* e ainda tece uma crítica implicitamente quanto à popularidade das séries sobre assassinos famosos – como é o caso de Jeff Dahmer.

Durante a leitura do texto narrativo, é possível identificar os aspectos que retomam tanto o título quanto a crítica feita ao crime como algo “pop”. Tal resgate também simboliza a origem da expressão cunhada por Sivuca:

“Dahmer: um canibal americano”, a série que segundo a Netflix já teve um bilhão de horas assistidas. **O crime é pop.**

[...] Longe de mim emular um Freud de segunda-feira e interpretar como sadismo coletivo a compulsão em passar tantas horas diante do canibalismo finamente cinematografado de Dahmer. (SANTOS, 2022a, n.p. Grifo meu.)

Ademais, ao longo da crônica, o autor resgata explicitamente o título e o *slogan* da campanha de Sivuca de forma literal, mencionando, inclusive, a crença dos fluminenses: “Já houve a **crença carioca de que bandido bom era bandido morto**, mas em 2022 bom é o capaz de render série, compartilhamento e o engajamento digital de seus horrores” (SANTOS, 2022b, n.p. Grifo meu.).

O autor, ao final do texto, aborda a **estetização do crime**, que ele aponta como sendo uma “maldade charmosa” que habita os corações modernos; algo que ultimamente tem rendido dinheiro para uma minoria que explora a barbaridade dos crimes, ou seja, que tem se tornado cada dia mais *pop*. Sendo assim, percebe-se a conexão entre o título, o conteúdo da crônica e a realidade, uma vez que o leitor precisa de conhecimento de mundo para fazer todas as associações necessárias à compreensão do título.

B) Notícias



A dor da fome

Rafael Nascimento de Souza
Gabriel Sabóia

Em um país com inflação galopante, desemprego em alta e 19 milhões de brasileiros passando fome, um caminhão carregado de pelanca e osso virou a esperança de famílias inteiras. No Rio, uma fila do desespero é formada no bairro da Glória por moradores de várias regiões, que percorrem quilômetros para levar ao prato esses restos. O material, descartado por mercados e açougues, iria para fábricas de sabão e ração de cachorro.

Enquanto o desemprego e a inflação galopam, caminhão com restos é disputado.

Pouco após as 10h, o caminhão estaciona na Glória, Zona Sul do Rio. Minutos depois, a fila se forma. É que já havia gente esperando o veículo, que recolhe ossos e pelancas de supermercado da cidade. Sensibilizados, motorista e ajudante da empresa doam ali toda terça e quinta parte do que foi recolhido. Diante do desemprego – que ficou em 14,1% no segundo trimestre de 2021, atingindo 14,4 milhões de brasileiros – e da inflação galopante – que com a prévia deste mês chegou a 10,5% no acumulado em 12 meses, ultrapassando os dois dígitos pela primeira vez desde fevereiro de 2016 –, é a esperança daquelas pessoas de encontrarem um pedaço de carne para matar a fome.

Uma vez por semana, a desempregada Vanessa Avelino de Souza, de 48 anos, que mora nas ruas do Rio, caminha até o ponto de distribuição. Com paciência, separa pelanca por pelanca, osso por osso em busca de algo melhor para pôr na sacola.

– A gente limpa e separa o resto de carne. Com o osso, fazemos sopa, colocamos no arroz, no feijão... Depois de fritar, guardamos a gordura e usamos para fazer a comida – explica Vanessa, que lamenta não conviver com os cinco filhos: – Não tenho como cuidar deles. Por isso, eles são criados pela minha mãe. Não temos quase nada. O que temos é de doações. Lá, pelo menos, eles têm um pouco de dignidade.

Na fila da fome, Vanessa não está só. Outras mulheres, homens e jovens se amontoam em busca do restolho da carne e dos ossos. A pobreza extrema, que leva pessoas a garimpar restos, foi acentuada no Brasil durante a pandemia de Covid-19. Levantamento da Rede Brasileira de Pesquisas em Segurança Alimentar e Nutricional mostrou que mais de 116,8 milhões de pessoas vivem hoje sem acesso pleno e permanente a alimentos. Dessas, 19,1 milhões (9% da população) passam fome, vivendo “quadro de insegurança alimentar grave”. Os números revelam um aumento de 54% no número de pessoas que sofrem com a escassez de alimentos se comparado a 2018.

Mãe de 5 e avó de 12, Denise da Silva, de 51 anos, ficou viúva recentemente. Agora, está sozinha na luta para alimentar a família. Duas vezes por semana sai de São João de Meriti, na Baixada, onde mora, em busca das pelancas. De trem, percorre quase 33km até a Central. Sem poder pagar outra passagem, caminha outros 3km até a Glória.

– Não vejo um pedaço de carne há muito tempo, desde que a pandemia começou. Esse osso é a nossa mistura. Levamos para casa e fazemos para os meninos comerem. Sou muito grata por ter isso aqui – conta.

Irmã de Denise, a desempregada Sheila Fernandes da Silva, de 43 anos, também busca restos de carne. Ela mora numa ocupação no Centro do Rio e divide o que recolhe com o filho, que também não tem emprego. Dá apenas para dois dias.

– Você não sabe a alegria quando o caminhão chega aqui. É a certeza de que teremos algo diferente para dois dias.

“A dor da fome” foi a capa do jornal *Extra* publicado no dia 21 de setembro de 2021 durante a pandemia. A notícia teve o intuito de denunciar as consequências do aumento do desemprego e da inflação no Brasil, o que levou os brasileiros a filas de doação de ossos como uma saída para combater a fome.

Para a compreensão do título da notícia, é necessária uma análise do texto verbal e não verbal, uma vez que a imagem ajuda o leitor a compreender o sentimento de tristeza de muitos cariocas. A notícia tece uma crítica à situação de vulnerabilidade das pessoas que imploram para terem acesso a ossos e a peles de animais que seriam descartados pelos estabelecimentos.

Analisando linguisticamente o título, percebe-se o uso da linguagem conotativa – algo incomum quando se trata do gênero notícia, dada a necessidade de objetividade e impessoalidade na transmissão das informações. Note que, em “a dor da fome”, a expressão “da fome”, por se referir a um substantivo abstrato e por ter natureza ativa, exerce função de adjunto adnominal, visto que a fome provoca dor nos indivíduos. Nesse sentido, vale destacar que a preposição pode atribuir valor semântico ao sintagma:

Valendo-nos das preposições de ou sem, por exemplo, criamos um rol imenso de expressões adjetivas e adverbiais que não têm substitutos na língua em unidades léxicas simples. Elas suprem os inexistentes “advérbios de causa” (cair **de maduro**, chorar **de vergonha**) ou “de consequência” (beber **de cair**, gritar **de ficar roxo**), bem como tipificações e predicções que não contam com adjetivos de uso corrente ou sequer disponíveis no dicionário (cesta **de lixo**, mala **sem alça**; as bonecas eram **de pano**, essa uva é **sem caroço**). (AZEREDO, 2021, p. 215)

Desse modo, o valor semântico da preposição vista no título atribui um sentido de causa, motivo, ou seja, o que leva à dor desses brasileiros.

Além disso, o título da notícia, aliado ao texto não verbal, foi tão impactante, que repercutiu internacionalmente. Isso porque o jornal *The Guardian*¹ a estampou em seu site para abordar a respeito da crise da fome.

Nota-se que o tipo textual presente é o narrativo, considerando a predominância dos verbos de ação (AZEREDO, 2021, p. 93), além de apresentar uma “sequenciação própria da enunciação de fatos que envolvem personagens movidos por certos propósitos e respectivas ações encadeadas na linha do tempo, seja por simples sucessão cronológica, seja também por relações de causa e efeito” (AZEREDO, 2021, p. 93). Algumas passagens em que se pode confirmar essas características são:

Pouco após as 10h, o caminhão estaciona na Glória, Zona Sul do Rio. Minutos depois, a fila se forma. É que já havia gente esperando o veículo, que recolhe ossos e pelancas de supermercado da cidade.

[...]

Uma vez por semana, a desempregada Vanessa Avelino de Souza, de 48 anos, que mora nas ruas do Rio, caminha até o ponto de distribuição.

1. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2021/oct/03/outcry-in-brazil-over-photos-of-people-scavenging-through-animal-carasses>.

[...]

Outras mulheres, homens e jovens se amontoam em busca do restolho da carne e dos ossos.

[...]

Mãe de 5 e avó de 12, Denise da Silva, de 51 anos, ficou viúva recentemente. (SOUZA; SABÓIA, 2021, p. 3)

Nos excertos acima, observa-se a marca temporal (pouco após as 10h), a identificação especial (Glória, Zona Sul do Rio), o uso dos verbos marcando a sequência dos fatos (estaciona, forma, havia, esperando). Cabe, ainda, destacar a presença de personagens – nesse caso, pessoas que estão sofrendo com a fome –, como Vanessa, Denise e as mulheres, os homens e os jovens que também ficavam na fila de doação.

Com efeito, é possível, ainda, mencionar que as escolhas lexicais estão associadas ao título “Dor da fome”, uma vez que elas provocam um sentimento negativo no leitor, o que indica que os autores da notícia optaram por reforçar a situação dolorosa dos indivíduos. Dessa forma, alguns dos vocábulos que chamam atenção na composição escrita encontram-se destacados abaixo:

Enquanto o desemprego e a inflação **galopam**, caminham com **restos** é disputado. [...]

No Rio, uma **fila do desespero** é formada no bairro da Glória [...].

[...] um pedaço de carne para **matar a fome**.

Com paciência, separa **pelanca por pelanca, osso por osso** em busca de algo melhor para pôr na sacola.

[...] Outras mulheres, homens e jovens **se amontoam** em busca do **restolho** da carne e dos ossos.

[...] Agora, está sozinha na **luta para alimentar a família**. (SOUZA; SABÓIA, 2021, p. 3)

Por se tratar de uma escolha mais informal, é possível inferir que os autores tentaram se aproximar da linguagem coloquial presente no cotidiano do leitor. Chama atenção também a expressão “fila do desespero”. O uso de adjunto adnominal “de desespero” se referindo à fila aponta o sentimento dos indivíduos que aguardam o recebimento dos ossos para conseguirem se alimentar. Mais uma vez, percebe-se o diálogo com o título da notícia.

Sendo assim, após a leitura do texto verbal, é possível perceber a relação anafórica existente entre o título e o conteúdo textual, combinando, inclusive, a escolha lexical dos autores a fim de enfatizar a situação lamentável a que essas pessoas são expostas.



Presidente de Areia Às vezes é Ruth, às vezes, é Raquel

As dunas, aquelas enormes montanhas de areia, mudam de posição e até de forma de acordo com o vento. Assim, também acontece na política. Bolsonaro, por exemplo, lembrou muito a malvada Raquel de “Mulheres de areia” nos protestos de 7 de setembro. Dois dias depois, teve seu momento como a boazinha Ruth, tentando acalmar os ânimos, seja lá com qual motivação. O que ninguém sabe é por quanto tempo vai manter o personagem. Vamos aguardar as cenas dos próximos capítulos.

Um presidente de lua.

Novela golpista de Bolsonaro vive entre ataques raivosos e pedidos de reconciliação

A dupla personalidade de Jair Bolsonaro no comando do Brasil tem confundido até seus mais fiéis seguidores. Vagando entre as ameaças à democracia e o afago a quem considera inimigo, o presidente mais parece encarnar duas personagens que tinham atitudes completamente diferentes. Num dia, ele parece ser a malvada Raquel. Em outro, a bondosa Ruth. As inesquecíveis irmãs gêmeas da novela “Mulheres de areia”, interpretadas por Glória Pires, nos ensinam hoje que, no fim das contas, o povo tem feito o papel de Tonho da Lua e ficado sem entender os rumos do país, no meio do fogo cruzado entre o bem e o mal.

Ontem, Bolsonaro voltou a incorporar Ruth ao justificar a apoiadores do Palácio do Alvorada, em Brasília, a declaração publicada na quinta-feira em que afirmou que as ameaças ao Supremo Tribunal Federal (STF) foram feitas no “calor do momento”. O presidente disse que não está recuando, mas que não é possível “ir para o tudo ou nada”. As ameaças, ao menos por enquanto, parecem um castelo de areia.

Desde a publicação da “Declaração à Nação”, em que Bolsonaro diz nunca ter tido a intenção de atacar Poderes, alguns dos aliados reclamaram do que enxergaram como uma espécie de rendição do presidente, que nos atos do último dia 7 de setembro estava mais para Raquel, ao fazer novos ataques ao STF em protesto contra a democracia. Ontem, o tom voltou a ser de Ruth.

– Alguns querem que degole todo mundo. Mas hoje em dia não existe mais país isolado – afirmou. Bolsonaro disse esperar que o movimento de caminhoneiros termine de vez até amanhã. Na quarta-feira, o presidente enviou um áudio em que pedia que os manifestantes se desmobilizassem em razão dos impactos que bloqueios generalizados causariam para a economia.

O posicionamento de Bolsonaro irritou principalmente os apoiadores mais radicalizados. Ontem, diversos integrantes do governo foram às redes sociais para demonstrar apoio ao presidente. Ao fazer um aceno de pacificação aos outros poderes, Bolsonaro tenta manter a governabilidade enquanto permanece controlando sua base eleitoral.

O presidente disse a apoiadores, também ontem, que os protestos não foram em vão, lembrando ao país que a Raquel que existe dentro dele pode não se render facilmente: – Vai voltar a normalidade. O grande dia foi dia 7. O retrato é para o mundo todo. Não foi em vão não, fica tranquila.

“Presidente de Areia”, capa do jornal *Extra*, publicado em 11 de setembro de 2021, faz menção à postura do presidente do Brasil, à época, ou seja, ao hábito de voltar atrás nos próprios posicionamentos e falas.

Para compreender o título da capa é necessário retomar a novela *Mulheres de areia*, estrelada por Glória Pires, “exibida originalmente entre 01/02/1993 a 25/09/1993” (MARGON, 2012, p. 1). Na produção da novela havia duas protagonistas, Ruth e Raquel, gêmeas com personalidades opostas: uma vista como vilã, a outra, como mocinha. Acessar esse conhecimento é essencial para compreender a interdiscursividade do título:

Ruth e Raquel (Glória Pires) são duas irmãs gêmeas idênticas na aparência, porém diferentes em suas personalidades. Ambas vivem na fictícia Pontal D'Areia, cidade litorânea ambientada no Rio de Janeiro. Ruth é doce e meiga, incapaz de fazer mal a alguém, seja lá quem for; já Raquel é ambiciosa e má, capaz de tudo para se dar bem na vida, até mesmo roubar o namorado da irmã. (PAULINO; MOURA, 2016, p. 183)

De acordo com as características acima, é possível perceber o objetivo do título ao dialogar com a novela, bem como a diferença de personalidade das irmãs em comparação com a postura do presidente. É possível, assim, destacar que há intertextualidade implícita, considerando a menção indireta à novela *Mulheres de areia* no título, bem como intertextualidade explícita por conta das menções diretas à produção televisiva (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 29).

Além disso, pode-se considerar o uso da palavra “areia” de forma conotativa, referindo-se a algo frágil, efêmero. De acordo com o *Dicionário Houaiss* online, tem-se: “6 P; infrm. falta de senso; maluquice 7 p.ext.; infrm. ação ou dito de pessoa tola” (AREIA, 2024).

A capa também traz mais elementos textuais que contribuem para o entendimento do leitor a respeito das falas antagônicas do presidente. Nota-se que a construção referente na mudança de humor e opinião não estão apenas pautadas na diferença de comportamento das gêmeas (Ruth e Raquel), mas também pelo uso da palavra “duna”, isto é, “montanhas de areia”, o que se percebe na lide presente na capa:

As dunas, aquelas enormes montanhas de areia, mudam de posição e até de forma de acordo com o vento. Assim, também acontece na política. Bolsonaro, por exemplo, lembrou muito a malvada Raquel de “Mulheres de areia” nos protestos de 7 de setembro. Dois dias depois, teve seu momento como a boazinha Ruth, tentando acalmar os ânimos, seja lá com qual motivação. O que ninguém sabe é por quanto tempo vai manter o personagem. Vamos aguardar as cenas dos próximos capítulos. (PRESIDENTE DE AREIA, 2021, p. 3)

Outra referência da lide quanto ao título foi o uso da palavra “capítulo”, uma vez que ela designa a continuação de uma novela, livro, em suma, sequência de algo.

A escolha lexical também retoma, ao longo da leitura, o título da notícia por meio de expressões que fazem parte do campo semântico *Mulheres de areia* a fim de aludir ao título “Presidente de areia”. É o que se pode perceber abaixo:

A **dupla personalidade** de Jair Bolsonaro no comando do Brasil tem confundido até seus mais fiéis seguidores.

Vagando entre as **ameaças** à democracia e o **afago** a quem considera inimigo, o presidente mais parece **encarnar duas personagens** que tinham atitudes completamente diferentes. Num dia, ele parece ser a **malvada Raquel**. Em outro, a **bondosa Ruth**. As inesquecíveis irmãs gêmeas da novela “**Mulheres de areia**”.

[...] [N]os atos do último dia 7 de setembro **estava mais para Raquel**. [...] Ontem, **o tom voltou a ser de Ruth**. (PRESIDENTE DE AREIA, 2021, p. 3. Grifos meus.)

Outro elemento relevante que merece ser destacado é a figura de linguagem utilizada para compor tanto o texto da capa do jornal – associado à novela “Mulheres de Areia” –, quanto para estabelecer um diálogo entre o conteúdo da notícia e o título: a antítese. Por si só, Ruth e Raquel já apresentam personalidades opostas, e a notícia, por meio do léxico, apresenta sintagmas opostos: “bondosa x malvada”, “ameaça x afago”, “estava mais para Raquel x o tom voltou a ser de Ruth”. A respeito da antítese, tem-se que

É a relação entre duas unidades de significado – palavras, sintagmas ou enunciados – que expressam conteúdos opostos. [...] Por meio da antítese se realiza uma contraposição simétrica de palavras ou expressões de significados oposta, para dar relevo a uma noção de contraditoriedade que se manifesta no espírito do enunciador. O seu efeito de sentido advém da tensão latente entre as forças opostas dos campos semânticos envolvidos no processo antiético. Essa noção de oposição muitas vezes só pode ser aprendida a partir de um determinado contexto, e sua compreensão depende muitas vezes do conhecimento enciclopédico do receptor ou da situação comunicativa em que ela se manifesta. (AZEREDO, 2021, p. 535-536)

Outras passagens também caracterizam a antítese e retomam o título da notícia: “Alguns querem que **degole** todo mundo” *versus* “Ao fazer um aceno de **pacificação** aos outros poderes, Bolsonaro tenta manter a governabilidade”, além de “Novela golpista de Bolsonaro vive entre **ataques raivosos e pedidos de reconciliação**”, retomando a figura das personagens principais de *Mulheres de areia*.

Merece destaque, ainda, a referência feita a outro personagem da novela em comentário: Tonho da Lua, que foi resgatado no texto por meio do sintagma nominal “um presidente de lua”. Existem dois elementos que precisam ser destacados: a referência ao personagem, o que configura a interdiscursividade, além da intertextualidade em relação a expressão coloquial “ser de lua”.

Alguém de lua é alguém que tem sua personalidade quase que bipolar. Nunca se sabe o humor de uma pessoa que é de lua. Um dia ela pode estar super bem e te amando, quando no outro, sem motivo nenhum aparente pode estar te odiando. (QUAL É A GÍRIA, s.d.)

Pode-se, portanto, concluir que, no processo de intitulação da capa, o jornalista recorre ao uso da interdiscursividade, bem como ao emprego de uma palavra polissêmica (areia), usada no sentido conotativo, além da presença de antítese, que fortalece a escolha do título (“Presidente de Areia”), considerando as ações do presidente e as personalidades opostas das protagonistas da novela.

Trata-se, por fim, de um excelente material para abordar com os alunos aspectos intertextuais, conhecimento de mundo, aspectos interdiscursivos e figuras de linguagem, iniciando pela abordagem do título e o que ele pode indicar em relação ao conteúdo da notícia.

C) Artigos de opinião

No caminho tem um orçamento secreto

Primeiro desafio de Lula é recompor programas sociais. Para isso, precisará repactuar a relação com o Parlamento

Malu Gaspar

Na campanha, Luiz Inácio Lula da Silva montou uma aliança forte o suficiente para vencer nas urnas, reunindo em torno de si figuras como Simone Tebet e os economistas do Plano Real. Boa parte desses apoios veio por adesão, confiando no legado de Lula e na necessidade de preservar a democracia contra o golpismo de Bolsonaro. Para governar, porém, o petista vai precisar formar um outro tipo de frente ampla, desta vez no Parlamento.

É do Congresso que terão que sair as soluções para os problemas bastante palpáveis que se apresentarão ao presidente eleito a partir desta segunda-feira.

O primeiro é encontrar uma forma de recompor os programas sociais que tiveram orçamento cortado por Bolsonaro, manter o Auxílio Brasil de R\$600 (no Orçamento só há recursos para R\$405 mensais em 2023) e ainda pagar o adicional de R\$150 por criança na escola que prometeu.

O programa petista falava em “incluir os pobres no Orçamento”, mas não dizia de onde tirar os recursos para manter o valor do benefício – pelo menos 0,5% do PIB por ano (R\$51,8bilhões), segundo a Instituição Fiscal Independente (IFI) do Senado Federal. Prometia, também, reajustar o salário-mínimo pela inflação, isentar de impostos quem ganha até R\$5mil e ainda retomar investimentos públicos em infraestrutura. A questão é como fazer isso. Acabar com o teto de gastos é parte da resposta, mas ainda assim será preciso achar de onde tirar o dinheiro.

A única certeza é que, seja qual for a estratégia escolhida, para implementá-la, o novo presidente vai precisar retomar o controle sobre o Orçamento, implodindo a modalidade de emendas de aplicação obrigatória conhecida como orçamento secreto. Foi o que Lula se propôs a fazer desde o início da campanha, mas a missão não é nada trivial.

Tudo indica que o Supremo deverá ajudar na tarefa, julgando uma ação que está pendente na Corte e declarando essas emendas inconstitucionais – o que daria a Lula a oportunidade de organizar sua base no Congresso. Para isso, porém, ele precisa negociar com os parlamentares uma alternativa viável para substituir o orçamento secreto.

A equipe do petista passou a campanha trabalhando em uma proposta que preserve boa parte do valor que eles já recebem de forma automática, mas dê ao Planalto controle sobre a aplicação do dinheiro. Como? Uma possibilidade é exigir que as emendas obrigatórias sejam destinadas a programas escolhidos pelo Executivo, por exemplo.

Calcula-se no entorno de Lula que, se emplacar essa ideia, ele consegue obter maioria na Câmara. Nesse caso, poderia até tentar substituir o atual presidente da Casa, Arthur Lira, por um aliado. Só aí será possível saber quanto mais Lula poderá gastar, qual será o valor do Auxílio Brasil – e, portanto, que jeito terá seu governo.

Só que isso tudo tem que ser negociado ainda antes da posse, como Congresso nas mãos de Lira e pendurado no orçamento secreto. E aí começam os problemas.

Uma fatia importante dos parlamentares que assumem a partir de primeiro de janeiro ou foi reeleita à base de orçamento secreto, ou já chega à Brasília ansiosa por botar a mão no dinheiro. O deputado Elmar Nascimento, líder do União Brasil (80 deputados) e membro emérito do Centrão, resumiu o humor geral: “Se (o STF) tirar o nosso, a gente tira o (dinheiro) deles”. E acrescentou: se Lula realmente insistir em acabar como orçamento secreto, vai ter sua primeira grande derrota. “Perde de 400 votos. É impossível ele conseguir”.

Especialistas em Centrão acreditam que a ameaça não vinga. Nas palavras de um deles, os deputados e senadores podem ser viciados em orçamento secreto, mas não conseguem viver sem orbitar o governo, ainda mais um governo fresco e popular.

Por essa lógica, basta Lula entregar os cargos certos aos partidos certos, que o resto vem por gravidade.

Só que não é bem assim. Bolsonaro perdeu as eleições, mas o bolsonarismo continua. E para completar o cenário, o atual presidente da Câmara, Arthur Lira, aliado de Bolsonaro, líder máximo do Centrão e comandante em chefe do orçamento secreto, passou as últimas semanas fechando acordos para garantir sua reeleição. Lula certamente vai lançar um candidato seu para a presidência da Casa, mas vai precisar contornar esses compromissos para tirar Lira do páreo.

Diante de um cenário como esse, a dura campanha eleitoral começa a parecer brincadeira de criança. Lula venceu enormes desafios em seus dois primeiros governos, mas nunca tantos e tão complexos ao mesmo tempo. Agora é a hora demonstrar se o legado vai jogar a favor – ou se vai se transformar em mais um peso.

“No caminho tem um orçamento secreto”, de Malu Gaspar, constitui um artigo de opinião que reflete o posicionamento da autora quanto à situação política e econômica do país após a vitória do candidato Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República. Cabe, de início, destacar a presença de intertextualidade implícita no título do artigo, na medida em que alude a uma obra literária.

O primeiro fator que se pode notar no título é a intertextualidade, dado o diálogo com o poema “Meio do caminho” (1928), de Carlos Drummond de Andrade:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(DRUMMOND, 1975, p. 33)

A repetição da estrutura “no caminho” mais o verbo “ter” no presente resgata, na memória do leitor de textos literários, o poema de Drummond, publicado na *Revista de Antropofagia* em 1928. Cabe, assim, destacar que o poeta teceu uma visão crítica em relação aos problemas que os indivíduos encontram em suas vidas e o quanto aqueles se repetem. Além disso, as “pedras” são vistas como os fatores que dificultam a caminhada.

A personalidade literária de Carlos Drummond de Andrade levou-o à elaboração de uma linguagem capaz não só de traduzir sua visão totalizante dos homens e das coisas senão também de atender com eficiência a seu honesto esforço de comunicação. [...] De diferentes modos CDA serviu-se da enumeração caótica: – repetindo a palavra para extrair dela seu conteúdo inteiro, com a valorização do “pormenor poemático” (34); lê-se em “Nosso Tempo”. (CASTILHO, 2001, p. 31-32)

A segunda parte do título do texto jornalístico – “orçamento secreto” – apresenta o fator interdiscursivo, visto que faz menção a uma prática comum na gestão do atual presidente do Brasil:

Por meio da chamada “emenda do relator”, instrumento legal, mas pouco transparente, **oficializou-se o chamado orçamento paralelo e, dentro dele, uma parte que pode ser classificada como “secreto”**. Não significa afirmar que todas as emendas envolvam corrupção, tampouco que não são legítimas do ponto de vista político. **Considerando a desigualdade no Brasil**, em todas as dimensões, das regionais às entre famílias, deficiências de infraestrutura e o fato de que deputados respondem, e devem fazê-lo, a suas bases, as

pressões sobre o orçamento são evidentes. Porém, **há uma tendência à ocorrência de redistribuições dissipativas** (uma analogia termodinâmica) **que diminuem a eficácia das próprias políticas públicas de natureza social** e eventualmente distributivistas. (SILVA; TEIXEIRA, 2022, p. 6. Grifos meus.)

Outrossim, o campo semântico escolhido pela articulista retoma o título como se pode ver em diversas passagens:

[...] seja qual for a estratégia escolhida, para implementá-la, o novo presidente vai **precisar retomar o controle sobre o Orçamento**.

[...] Para isso, porém, ele **precisa negociar com os parlamentares** uma alternativa viável para **substituir o orçamento secreto**

[...] [P]oderia até tentar **substituir o atual presidente da Casa**, Arthur Lira, **por um aliado**.

[...] Só que isso tudo tem que ser negociado ainda antes da posse, com o **Congresso nas mãos de Lira** e **pendurado no orçamento secreto**. E aí começam os problemas.

[...] **Uma fatia importante dos parlamentares que assumem** a partir de primeiro de janeiro ou **foi reeleita à base de orçamento secreto**, ou já **chega à Brasília ansiosa por botar a mão no dinheiro**.

(GASPAR, 2022, p. 20. Grifos meus.)

Nos trechos do artigo que foram apontados e grifados acima, nota-se que o orçamento secreto figura como a “pedra” referida no poema original. Da leitura do texto, depreende-se que os desafios a serem enfrentados têm como principal empecilho o dito “orçamento secreto”, presente no título:

Só que não é bem assim. Bolsonaro **perdeu as eleições, mas o bolsonarismo continua**. [...]

E **para completar o cenário**, o atual presidente da Câmara, Arthur Lira, aliado de Bolsonaro, líder máximo do Centrão e comandante em chefe do orçamento secreto, passou as últimas semanas fechando acordos para garantir sua reeleição. (GASPAR, 2022, p. 20. Grifos meus.)

Ainda remetendo ao artigo de opinião, bem como ao poema de Drummond, percebe-se a continuação da ideia de obstáculo nos termos: “perdeu x continua” e “para completar o cenário”. Tais escolhas da articulista enfatizam os desafios a partir de um encadeamento de fatores.

Cabe, por fim, considerar que a relação estabelecida entre o conteúdo do artigo e o título apresenta função anafórica, já que ocorre um processo de referência do primeiro para o segundo, ou seja, do texto para o título.

D) Anúncio publicitário



“Sem lenço, sem documento, sem senha e sem cartão”, Banco Itaú – *Revista Istoé*. Refere-se a uma propaganda do Banco Itaú de 13 de fevereiro de 2013, a qual faz menção à composição “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso:

Caminhando contra o vento

Sem lenço, sem documento

No Sol de quase dezembro

Eu vou

O Sol se reparte em crimes

Espaçonaves, guerrilhas

Em cardinales bonitas

Eu vou

Em caras de presidentes

Em grandes beijos de amor

Em dentes, pernas, bandeiras

Bomba e Brigitte Bardot.

[...]

(VELOSO, 1967, n.p.)

De acordo com Campos e Rangel, a composição “Alegria, Alegria”, apresentada ao público no Festival de Música da TV Record, em 1967, por Caetano Veloso, apurava a oposição, a ironia, o anarquismo e a **liberdade** (CAMPOS; RANGEL, 2017. Grifo meu), o que reflete a ideia do anúncio publicitário em sua proposta de falar da liberdade dos clientes em não necessitarem mais do cartão para terem acesso às suas contas. Ainda com respeito à composição de Caetano Veloso, cabe destacar que

Cada verso da canção é uma **crítica: ao abuso de poder**; à violência; à opressão social; às sinistras condições da conjuntura cultural e educacional. Condições que se estabeleceu pelo regime militar, com atenção em formar brasileiros alienados. [...] **Ainda que nomeada de Alegria, Alegria, sua poética nada tem a ver com o estado de viva satisfação**, de vivo contentamento o qual se intitula, mas sim à conjectura do período de algemas militares, os chamados ,anos de chumbo pelo qual o Brasil passava. (CAMPOS; RANGEL, 2017, p. 111. Grifos meus.)

Há, pois, um certo paradoxo ao se perceber a intertextualidade implícita (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 31-33) com a música “Alegria, Alegria” em uma propaganda de instituição financeira, uma vez que nem sempre esses espaços são percebidos pelos clientes como espaços de interesse igual.

Ademais, quanto à composição do anúncio, houve uma quebra de expectativa na continuidade da letra da música, o que se deu a partir do acréscimo de “sem senha e sem cartão”, mantendo-se o paralelismo sintático em relação à estrutura anterior e a rima – o que provoca o efeito estilístico no anúncio.

No caso desse texto publicitário, além da função intertextual, é possível notar certa ironia, pois a letra escrita por Caetano, no período da ditadura militar, criticava o governo ditatorial, o que também ocorre em relação aos bancos, considerando que há uma falsa sensação de liberdade e autonomia frente a essas instituições.

CONCLUSÃO

Os desafios para realizar esta pesquisa foram extensos, porém serviram de base para a confirmação de duas hipóteses. A primeira delas envolve a relevância do estudo dos títulos, já a segunda a necessidade de termos mais materiais científicos que se prontifiquem a aprofundar a teoria do processo de intitulação, bem como atividades que ajudem os alunos a compreenderem sua importância.

O principal objetivo deste trabalho foi o de apresentar ao leitor, especialmente ao leitor-professor, possibilidades de lidar com a prática de leitura em sala de aula de modo a investir na criticidade do estudante, além de ampliar o conhecimento de mundo dele, pautando-se na criatividade e em aulas dialógicas.

Nesse sentido, a importância de se estudar os títulos advém da necessidade de pensar o processo de intitulação, visto que o título, comumente, é o primeiro contato do leitor com a obra, podendo repeli-lo ou atraí-lo. No entanto, mesmo diante desse conhecimento, poucos foram os teóricos que se dispuseram a esmiuçar detalhadamente tal papel, o que fomentou a relevância da dissertação. Cumpre dizer, pois, que a temática está longe de ser exaurida, tamanhos são os caminhos que se pode buscar e os gêneros textuais que se pode escolher. O cerne do trabalho foi o de relacionar a escolha do título à intertextualidade e ao campo lexical escolhido pelo autor durante o texto. Outrossim, o enfoque também estava associado a uma forma de colocar esse conhecimento em prática

a fim de implementar as aulas de Língua Portuguesa, despertando não só a curiosidade dos alunos, mas também uma nova forma de olhar a linguagem, fora daquele rigor de “certo e errado” que, muitas vezes, os educandos têm acerca do português.

Formar um estudante com visão crítica, principalmente na era tecnológica, é um grande desafio, afinal, os alunos têm infinitas possibilidades de divertimento nas palmas das mãos, algo que exige do professor a formulação de encontros inovadores, atrativos, que fisguem a atenção do aluno por meio da participação dele nas aulas. Ademais, também é papel do mestre e da escola selecionarem conteúdos que dialoguem com a realidade dos estudantes e do país, com o intuito de não formar cidadãos alheios ao momento político-econômico-social em que vivem. Portanto, essa também foi uma das preocupações destacadas durante esta pesquisa.

Vale, ainda, mencionar o objetivo de ampliar o conhecimento de mundo do alunado, já que essas concepções ampliam a capacidade argumentativa dos jovens e os torna mais participativos na sociedade. Isso compreende a formação cidadã tão ratificada pela BNCC.

A contribuição deste estudo para estudantes e professores também se revelará produtiva a partir do momento em que o título deixar de ser uma escolha difícil e passar a ser visto por meio de um processo de criação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. “No meio do caminho”. *Revista de antropofagia*. Ed fac-sim. São Paulo: Metal Leve, 1975. (1. denteção, n. 3, p. 33). Disponível em: <https://joaacamillopenna.files.wordpress.com/2014/02/andrade-oswald-de-revista-de-antropofagia.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2022.

AREIA. *Dicionário Houaiss online*. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#1>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CASTILHO, Ataliba T. de. A poesia de Carlos Drummond de Andrade. *ALFA: revista de linguística*. São Paulo, v. 5, p. 9-40, jan. 2001. [1964]. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3229/2956>. Acesso em: 5 nov. 2022.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 5ª ed. São Paulo: Parábola, 2021.

CAMPOS, Marcio Pereira de Jesus; RANGEL, Tauã Lima Verdan. “As expressões de “Alegria, Alegria” durante os anos de algemas militares”. *I Simpósio Integrado de Pesquisa do Curso de Direito – FAMES Bom Jesus do Itabapoana*, RJ., v. 28, 2017, p. 111. Disponível em: <https://www.famesc.edu.br/biblioteca/pesquisa-producao-cientifica/ANAIS%20-%20I%20EXPOFAMESC.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2022.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. Títulos e macroestruturas textuais. *Rev. Est. Ling.* Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 53-78, jul./dez. 1999.

GASPAR, Malu. “No caminho tem um orçamento secreto”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 2022, p. 20.

GODOI, Eliamar. O título e os processos de referenciação. *In: Anais do SILEL*, v. 2, n. 2, Uberlândia: EDUFU, 2011.

- KOCH, Ingedore; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MARGON, Cristina; SANTOS, Rafael Bertoldi. A erotização na televisão brasileira: o caso da abertura da telenovela *Mulheres de Areia*. In: *Anais do XVII Congresso de Ciências Sociais da Comunicação na Região Sudeste*, Ouro Preto, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1057-1.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- MENEGASSI, Renilson; CHAVES, Maria Izabel. O título e sua função estratégica na articulação do texto. *Linguagem & ensino*. Paraná, Maringá, v. 3, n. 1, p. 27-44, 2000.
- PAULINO, Danilo Benites; MOURA, Giovani Pagliusi Lobato. Vinhetas de abertura da telenovela brasileira: uma análise semiótica de suas representações imaginárias. *Revista comunicando: a história e a contemporaneidade produzindo olhares sobre a comunicação*. Braga, vol. 5, n. 2, p. 171-188, dezembro. 2016. Disponível em: <https://revistas.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/view/233/168>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- PRESIDENTE DE AREIA. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 set. 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2021-09-10-25193602.html?mesSelecionado=Set&ano=2021>. Acesso em: 5 fev. 2022.
- QUAL É A GÍRIA. *Significado de: de lua*. [S.l.]. Disponível em: <https://www.qualeagiria.com.br/giria/de-lua/>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- RODRIGUES, Sérgio. "Bandidos mortos, bandidos vivos". *Folha de São Paulo*, 1 jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2022/06/bandidos-mortos-bandidos-vivos.shtml>. Acesso em: 8 nov. 2022.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Redação do Enem anuncia que vem aí um país muito mal escrito. *O Globo*, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/joaquim-ferreira-dos-santos/post/redacao-do-enem-anuncia-que-vem-ai-um-pais-muito-mal-escrito.html>. Acesso em: 5. jul. 2022.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Bandido bom é bandido que dá série. *O Globo*, 17 out. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/joaquim-ferreira-dos-santos/coluna/2022/10/bandido-bom-e-bandido-que-da-serie.ghml>. Acesso em: 8 nov. 2022.
- SILVA, Marcos Fernandes Gonçalves; TEIXEIRA, Marco Antônio Carvalho. A política e a economia do governo Bolsonaro: uma análise sobre a captura do orçamento. *CGPC: Cadernos Gestão Pública e Cidadania*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas – FGV, v. 27, n. 86, jan./abr., 2022. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cgpc/article/view/85574>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- SOUZA, Rafael Nascimento de; SABOIA, Gabriel. A dor da fome. *Extra*. Rio de Janeiro, 29 set. 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2021-09-90-25216977.html>. Acesso em: 5 fev. 2022.
- VELOSO, Caetano. *Alegria, Alegria*. 1967.